



A FORMAÇÃO DO LEITOR NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O OLHAR DOS PROFESSORES

Jocelinha Macena da Silva; Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Jocelinha.macena.s@hotmail.com ; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; kekesoares@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho versa sobre a formação leitora dos indivíduos, mediada por uma prática pedagógica de incentivo ao desenvolvimento do leitor. O mesmo apresenta como objetivo principal analisar as concepções de leitura e formação leitora dos professores do Ensino Fundamental da Escola Municipal Manoel Raimundo, na cidade de Água Nova/RN, buscando compreender o que esses docentes pensam a respeito do papel da escola na construção de sujeitos leitores, especificamente na Educação Básica. A metodologia foi desenvolvida por meio da escrita de textos sobre si no qual os participantes da pesquisa puderam expor suas concepções a respeito do trabalho com a leitura a partir de sua própria formação. O referencial teórico parte dos estudos de pesquisadores que buscam tecer uma discussão numa perspectiva de leitura relevante para o ensino aprendizagem e para o desenvolvimento psicológico, cognitivo e social dos indivíduos, bem como enquanto instrumento que pode promover a igualdade social. A partir da análise dos dados foi possível perceber que a leitura é muito importante para a formação das pessoas na sociedade atual, sendo um fator determinante no desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem dos indivíduos. Portanto, a escola e o professor se destacam como fundamentais na concretização de uma educação que vislumbre uma sociedade leitora.

Palavras-chaves: Formação do leitor. Literatura. Prática pedagógica.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A proposta do presente artigo consiste em apresentar uma análise das concepções de leitura e de formação do leitor dos professores de uma escola municipal de Água Nova – RN. Para tanto iremos abordar as concepções dos sujeitos da pesquisa mediante sua formação leitora enquanto professor do Ensino Básico, a partir de um olhar sobre sua própria formação.

Elencamos como objetivos analisar as concepções de leitura dos professores da Escola Municipal Manoel Raimundo, procurando conhecer a história da formação leitora dos professores, além de identificar os aspectos do processo escolar vivenciado que contribuíram para a formação dos mesmos enquanto leitores efetivos.

Salientamos que se trata de um recorte do trabalho monográfico intitulado *A formação leitora dos professores do ensino fundamental: desafios e possibilidades*, defendido no Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*, Especialização em



Educação e Linguagens para a Multiculturalidade, promovido pelo Departamento de Educação, do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Procuramos evidenciar aqui a importância da pesquisa para os professores, tendo em vista que as discussões propostas procuram mostrar a relevância da leitura para as práticas docentes e para o desenvolvimento do ensino aprendizagem dos sujeitos, bem como para sua formação tanto no âmbito pessoal quanto no social.

Do ponto de vista científico, essa pesquisa irá contribuir para identificar as concepções dos professores enquanto leitores ou não, sua prática de leitura na sala de aula e durante sua formação docente, tendo assim uma importância significativa para a escola campo de pesquisa, pois pode contribuir com novas concepções e práticas de leitura e formação do leitor, possibilitando melhorias no ensino aprendizagem e o desenvolvimento de novas perspectivas para o trabalho dos professores.

No tocante ao referencial teórico que embasa a pesquisa, partimos da abordagem da leitura numa perspectiva social, com respaldo nos estudos teóricos de Cândido (1995), Maia (2007), Canen (1999), Cavalcante (2002), Freire (1989), José (2012), Naiditch (2009) Villardi, (1999). Solé (1998), Lajolo (2008), dentre outras concepções que se fizeram pertinentes no decorrer das leituras.

Quanto à metodologia, utilizamos uma abordagem qualitativa na qual partimos inicialmente de uma pesquisa bibliográfica visando o levantamento dos principais teóricos que discutem os aspectos relativos à nossa pesquisa, como a leitura, a formação do leitor, entre outros. Como afirma André esse tipo de abordagem “visa a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento das realidades” (ANDRÉ, 2008 p. 30).

Utilizamos como método de pesquisa o estudo de caso, e como técnica optamos pela análise de depoimento, já que tratamos com a análise de textos sobre si. Os dados sobre a escrita de si foram coletados durante o desenvolvimento de uma oficina na qual os professores tiveram como tarefa a escrita de um texto onde contavam sobre a sua formação leitora, começando pela infância na idade escolar até a vida adulta e como profissional.

O campo de pesquisa foi uma escola da rede municipal da cidade de Água Nova, localizada na região do Alto Oeste do Rio Grande Do Norte. A Escola Municipal Manoel Raimundo atende do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, bem como a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os sujeitos da pesquisa são professores efetivos da referida escola. Dentre estes, foram selecionados para análise, cinco textos dos

professores que trabalham do 1º ao 9º do Ensino Fundamental. Como meio de preservar a identidade dos educadores selecionados para a pesquisa serão utilizadas as letras do alfabeto para identificá-los, ficando assim, denominados neste trabalho, pelas letras A, B, C, D e E.

OS PROFESSORES E A LEITURA: COMPREENDENDO A CONSTRUÇÃO DO LEITOR

As discussões em torno da leitura e da formação leitora, não são recentes e nem tampouco raras, pois são vários os pesquisadores que questionam sobre como se forma um leitor. Que estratégias de leitura são necessárias para essa formação? E que influência a formação leitora do professor representa na do aluno?

Partindo desses princípios é que propomos uma discussão para aprofundar esses questionamentos, pressupondo a importância da influência do educador e de suas práticas de leitura para a vida do aluno. Procuramos assim, compreender a importância da leitura na construção de um indivíduo capaz de desempenhar seu papel de cidadão consciente, de modo que tanto o professor quanto a escola, estejam comprometidos com esse fim.

Sendo o educador o principal responsável pela formação do aluno, a sua própria prática como leitor também é um instrumento que pode somar para despertar no discente o prazer pela leitura, pois sendo o principal mediador nesse processo nada mais incentivador do que um professor leitor para que o aluno também se torne um leitor.

Desse modo, compreendemos que para ensinar a gostar de ler é preciso antes de tudo ser um leitor, pois não se pode ensinar a alguém algo que não se gosta, daí a importância da formação de um professor leitor, já que vai ser o seu trabalho com a leitura que vai incentivar a prática e o prazer da literatura no aluno.

Para Maia (2007), tanto a escola como o professor ainda são muito deficientes quando se fala da construção do leitor, pois as condições nas quais ambos estão submetidos não favorece essa formação. Quanto a isso, a autora afirma que:

É, pois, no espaço da sala de aula que as tão adversas condições enfrentadas pelo professor se fazem refletir. Há transmissão de conteúdo dispensáveis e omissão de outros mais significativos; estimula-se na teoria, o aluno a falar e escrever com suas próprias palavras, mas, na prática, do livro (interpretação?!); faz-se discursos apologeticos sobre leitura, porém o professor não convence o aluno pelo exemplo, porque, ressalvadas as exceções ele próprio não é um leitor. (MAIA, 2007, p. 33, grifos da autora)

Assim, vemos que despertar o gosto pela leitura está além da transmissão de conteúdo, e para que isso ocorra de maneira significativa para o aluno é necessário que o professor e a escola estejam comprometidos em um objetivo comum, onde o educando seja visto como um sujeito ativo nesse processo e apreenda de maneira efetiva o prazer pela leitura.

Para que isso ocorra de maneira significativa na vida dos indivíduos, proporcionando o prazer da leitura, é necessário que o aluno veja essa prática como algo prazeroso, pois como afirma Cavalcante: “A leitura não pode ser vista como sacrifício, que se faz por obrigação ou medo de punição. Ler tem de ser algo desejado, algo que faça tanta falta como o pão para a boca.” (CAVALCANTE, 2002, p. 08)

Mediante essas discussões vemos que a formação de um sujeito leitor envolve questões complexas que vão desde a formação do professor enquanto leitor; de sua mediação para o incentivo e a descoberta da leitura no aluno até as ações da própria escola enquanto instituição “responsável” por esse processo.

Sendo assim, analisaremos o que diz os professores de uma escola municipal da cidade de Água Nova que lecionam nos anos iniciais do 1º ao 5º ano e do 6º ao 9º do Ensino Fundamental, sobre como eles se tornaram leitores.

SER OU NÃO SER LEITOR... EIS A QUESTÃO

Como já mencionamos anteriormente as abordagens em torno da leitura são muitas e diversas, contudo é possível observar que a maioria dos teóricos defende que a escola e o educador podem ser o principal responsável pela formação leitora dos indivíduos tendo em vista que é durante a vida escolar que a maioria das crianças tem acesso ao livro de literatura e as várias formas da escrita.

Assim sendo, a formação leitora de um indivíduo pode estar relacionada com vários fatores, portanto, não podemos afirmar efetivamente como se desenvolve o gosto pela leitura, já que nos relatos dos professores foi possível observar que o gosto pela leitura em alguns, foi incentivado pela escola e em outros pela família.

O que é possível observar é que, em todos os relatos os professores reconhecem a importância da leitura tanto para o aluno como para sua própria prática, que segundo os mesmos, é indispensável ao exercício de sua profissão como professor.

Todavia, diante dos relatos dos professores que analisamos podemos perceber que nem sempre o gosto pela leitura é apreendido na escola. Pois constatamos que apenas um dos cinco professores, através do relato menciona a escola e a

professora como grande incentivadora. Trata-se do professor A, que descreve o início de sua formação leitora da seguinte maneira:

Lembro-me de quando aprendi a ler. A professora falava que se a nós alunos soubéssemos todo o alfabeto iríamos saber ler, fomos todos confiantes e já no segundo dia de aula todos lemos o alfabeto e assim a professora nos presenteou com brinquedos, e assim fomos melhorando nossas leituras.

No relato do professor A percebemos que a educadora de quem ele fala desenvolvia uma prática tradicional de ensino voltado apenas para a aprendizagem e decodificação das letras, mas mesmo assim a forma como ela oferecia ao aluno uma recompensa depois de aprender o alfabeto e a ler despertou algo além da decodificação, o interesse pela leitura.

Portanto, não podemos afirmar se essa prática instiga o aluno a desenvolver o gosto pela leitura, o que se percebe é que, mesmo se tratando de um ensino mecânico, contribuiu de alguma forma para que o professor, do qual falamos tenha percebido a alegria da leitura. Mas sabemos que atualmente a escola vem buscando contribuir com práticas mais significativas para a formação de um sujeito leitor.

Para que isso ocorra na prática é relevante que o educador esteja sempre em formação para poder está informado sobre as novas discussões em torno da leitura e de outras áreas do conhecimento, podendo, assim, melhorar sua prática pedagógica, e adquirir o conhecimento necessário para o ensino em sala de aula.

Nesse sentido, é possível perceber que para um educador, a prática de ler não é uma questão de escolha, mas sim uma necessidade, tendo em vista que nem que seja por obrigação ele precisa conhecer os textos que se referem aos conteúdos que vai trabalhar com o aluno, bem como as leituras que irá realizar em sala de aula, pois não se concebe hoje em dia uma prática pedagógica sem a presença da leitura.

Entretanto, o que se percebe é que a maneira como a escola e o professor vêm trabalhando com a literatura não está contribuindo para a formação de um sujeito leitor. A leitura acaba sendo utilizada apenas como pretexto para ensinar outros conteúdos. A visita as salas de leituras e bibliotecas como obrigação ou para cumprir tarefas escolares, são alguns dos exemplos que pode contribuir para que um número elevado de jovens e adultos não desenvolvam o gosto pela de leitura nas escolas.

Dos professores pesquisados dois enfatizam os pais como grandes incentivadores e dois enfatizam apenas a questão do estudo e o outro relata o fato da mãe que lhe presenteava com revistas de gibis como meio de lhe manter dentro de

casa e fora da rua, mas em nenhum momento o professor menciona a intenção da mãe de formar nele o gosto pela leitura.

Um dado interessante que vale a pena mencionar é que um dos professores (**D**) a mãe também era professora, e segundo ele foi a grande incentivadora da “leitura”. No terceiro caso, (professora B), os pais eram analfabetos, mas reconheciam a importância do estudo e procuravam oferecer o que denominavam de “esse bem”, ou seja, o estudo.

O que é possível perceber é que os educadores em questão não demonstram nos seus textos o gosto pela leitura, mas uma recordação de leituras por obrigação que ocorreu durante a infância, na vida adulta ou na Universidade.

Essa observação está condizente com o pensamento de Villardi (1999), quando estabelece que o hábito pela leitura difere do gosto, uma vez que, o hábito está relacionado ao que acontece na escola onde as atividades com leitura são inerentes a prática pedagógica, enquanto que, o gosto pela leitura se refere ao ato de ler por prazer. A partir disso, a autora enfoca que: “assim que abandona os bancos escolares (seja em que nível for, muitas vezes até após terminar o curso superior), não é raro encontramos pessoas que jamais se interessam em ler sequer o jornal, [...]” (VILLARDI, 1999, p. 10, grifo da autora).

Reiteramos com a citação da autora que a forma como a escola vem trabalhando a leitura não está contribuindo para que tenhamos uma sociedade de leitores. Nessa perspectiva, percebemos que o ato de ler está além da decodificação de letras ou como pretexto para leituras por obrigação, apenas com objetivos de realizar uma atividade ou exercícios posteriores, ou seja, para despertar o interesse e o gosto pela leitura é preciso vê-la como um bem cultural e que por meio dela os sujeitos podem transformar o seu meio e a si mesmo.

Vejamos o comentário da professora (**E**):

Eu estudei na escola [...], mas não mim lembro muito de momentos que verdadeiramente tenha contribuído para que eu me tornasse um bom leitor. (sic) A mesma coisa aconteceu no magistério, [...] os professores eram mais voltados para repassar os conteúdos sem dá abertura para as novas capacidades que a leitura pode possibilitar [...] Somente na universidade é que me sinto instigada para mergulhar no mundo da leitura, compreendendo melhor a grande relevância de ler.

A partir do relato da professora (E) é possível destacar que a sua formação leitora não ocorreu durante o Ensino Fundamental e Médio, mas somente na universidade, Tudo isso pode nos levar a seguinte reflexão: será que o fato de só se sentir instigada a ler na Universidade realmente a torna uma leitora?

De acordo com: Solé (1998), Martins (1994), Cavalcante (2002), Lajolo (2008) Amarilha (1997), os primeiros anos escolares são relevantes para que se “torne um leitor por toda a vida”, pois é nessa fase que o mundo mágico da literatura e das histórias infantis possam a fazer parte do imaginário e da vida desses sujeitos, com relação a essa questão, Cavalcante afirma que: “Nos utilizamos do universo metafórico pleno de significados e simbolismo dos contos de fadas e outras narrativas para crianças, esperamos tocar em questões essenciais para a formação e desenvolvimento do leitor infantil, [...]” (CAVALCANTE, 2002, p. 44).

Tudo isso não significa que não é possível adquirir esse gosto na idade adulta, pois consideramos que a leitura pode proporcionar aos sujeitos, além de conhecimento necessário para melhorar sua vida na sociedade, prazer, emoções e viagens fantásticas pelo maravilhoso mundo da imaginação. Na infância é uma fase de desenvolvimento onde o real e o imaginário as vezes se confundem e portanto as crianças são mais susceptíveis para embarcar no mundo da leitura e da imaginação que a literatura proporciona.

Podemos então refletir sobre o pensamento de Solé quando nos diz que assim como existem vários gêneros textuais, o trabalho com leitura pode ter diferentes objetivos, pois vai depender do leitor o tipo de informação que pretende extrair do texto. “Os objetivos do leitor com relação ao texto podem ser muito variados, e ainda que enumerássemos nunca poderíamos pretender que nossa lista fosse exaustiva; haverá tantos objetivos como leitores em diferentes situações e momentos.” (SOLÉ, 1998, p. 93).

Nesse sentido o professor D, no seu texto relata que só gostava de música, de ler histórias em quadrinho e receita: *“as músicas me despertava muito para buscar a compreender os seus sentidos, para isto lia as histórias em quadrinho e as receitas”* (trecho do relato do professor D). Os gibis ele ganhava da mãe como meio de mantê-lo fora da rua, sendo que livros literários só passaram a fazer parte de sua história leitora quando foi cursar o magistério.

Assim sendo, analisaremos a fala do professor D na busca de se tornar um leitor:

Ao ingressar no curso do magistério comecei a perceber que eu precisava praticar mais a leitura, e desta vez, as leituras literárias (obras infantis), mesmo assim ainda um pouco lento, mas o curso me exigia mais. E aos trancos e barrancos venho procurando cada vez mais me aperfeiçoar no mundo da leitura, isso graças a minha atuação como mediador de conhecimento e a troca de experiência, é o que vem contribuído muito para isso, e o meu compromisso com o público aluno e o ingresso na universidade.

Diante disso percebemos mais uma vez a fragilidade da formação leitora dos educadores brasileiros, pois esse depoimento apesar de ser de uma determinada realidade sabe-se que essa não é exceção, mas sim rotineira nos milhares de escolas espalhadas pelo Brasil. Nessa perspectiva concordamos com Lajolo quando afirma que:

A importância da literatura infanto-juvenil como disciplina a ser incluída no currículo de formação do professor é parte da questão da formação do professor de língua materna. Pois o problema da literatura infanto-juvenil se é que é um problema, talvez seja mera representação contemporânea de uma crise muito maior e muito mais antiga: faz tempo que não se sabe qual é a formação necessária ao professor de língua materna, porque também não se tem claro a função da escola no que se refere à competência linguísticas que o aluno deve dominar ao abandonar os bancos escolares. (LAJOLO, 2008, p. 17, 18).

A partir da colocação da autora e da análise do texto do professor percebe-se que, as discussões sobre a formação do leitor professor envolvem questão mais complexas, relacionadas com a construção histórica e política da Educação Brasileira e dos seus currículos, tanto no que se refere à escola básica como ao ensino superior, ou seja, a formação de professores.

A professora C relata não se lembrar de ter tido o contato com livros de literatura na escola:

[...] não existiam livros, pena não guardar nas lembranças nomes de personagens, lugares, do mundo dos livros. [...] minha infância? Não foi um encontro com princesas e vilões, palácios... Mas, as brincadeiras, como: passe o anel brincadeiras de roda e outras nos transportavam para outro universo: divertido, gostoso, descomprometido. O cinema de seu Titico, exibia as “cangaceiras” e naquela tela um mundo de mulheres poderosas.

Percebemos aqui que mesmo não tendo sido incentivada a gostar de ler durante a fase escolar, mas sim as brincadeira e cantigas de rodas que também podem ser consideradas um tipo de leitura, mas uma leitura de mundo que promove de forma lúdica o desenvolvimento cognitivo e intelectual da criança e o cinema que não é como o conhecemos hoje, mas é uma forma de leitura de imagem.

Martins compreende o processo de leitura “como um processo de compreensões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano” (MARTINS, 1994, p. 30).

Desse modo percebemos a leitura como algo que ultrapassa não só os processos de decodificação de um condigo linguístico e de aquisição da escrita, mas como um processo

simbólico que pode ser apreendido como uma linguagem sensorial e emocional Martins (1994)

Assim não podemos deixar de ressaltar a ação do professor nesse contexto, pois assim como as autoras Solé, (1998) Maia (2007), Amarilha (1997), e Villardi (1999) entre outros, que também discutem a relevância do papel do docente como grande incentivador do gosto pela leitura, mas com uma ressalva, é preciso ter cuidado, pois atividades propostas de maneira equivocada para o aluno ao invés de incentivar o gosto e o prazer pela leitura pode o afastá-lo desse universo. A respeito disso, Villardi defende que:

A ideia de que cabe ao aluno a escolha do que quer ler é perfeita, mas apenas nas situações informais de leitura, ou seja, aquela em que o aluno busca o que ler, por si só, num tempo livre numa hora de recreio, depois de terminar uma tarefa, ou mesmo na sala de leitura. A premissa, entretanto, não pode ser aplicada ao livro a partir do qual se planeja elaborar um projeto. [...] porque nesse caso, uma série de fatores devem ser levados em consideração, e é tarefa do professor planejar-se de modo a que os resultados obtidos sejam os mais significativos possíveis. (VILLARDI, 1999, p. 68).

De acordo com o pensamento da autora podemos inferir a seguinte reflexão: é prática corriqueira e do conhecimento empírico usar as salas de leituras, bibliotecas, ou mesmo levar livros para a sala de aula como meio de passar o tempo, ou seja, sem um objetivo ou significados pré-determinados que possam contribuir com uma prática significativa para incentivar o aluno a gostar de ler.

Para que ocorra o incentivo à leitura, é necessário que o professor repense sua prática pedagógica constantemente, numa formação continuada e esteja sempre informado das novas abordagens teóricas e metodológicas acerca da leitura e de outros conhecimentos que são relevantes para o desenvolvimento de suas funções.

Desse modo, fica evidente que o trabalho com leitura não se resume apenas a oferecer ao aluno o acesso a diferentes formas de leituras, sejam elas literárias ou não, mas a mediação do professor exerce nesse processo um significado ímpar, pois como afirma Paiva e Maciel:

Fica evidente a necessidade da presença do professor-leitor enquanto mediador do processo de iniciação do leitor criança. Quanto mais evidente ficar para o professor a importância da leitura literária como poderosa fonte de formação de sensibilidade e de ampliação de nossa visão de mundo, que tem nessa linguagem artística um componente essencial de formação, culturalmente valorizada (embora pouco demandado e pouco ofertado), mais significativas se tornarão as práticas de letramento literário propostas. (PAIVA E MACIEL, 2005 p. 116, grifo de autor)

Diante das ressalvas das autoras vemos a importância do professor para a formação dos sujeitos leitores e como a leitura e a literatura contribuem não só para a vida escolar, mas para a sua vida social contribuindo assim para uma atuação mais significativa e consciente na sociedade.

Nas análises dos textos dos professores foi possível observar ainda que dos cinco, três se referem a formação universitária como uma das etapas escolares responsáveis pelo “despertar pela leitura” ficando evidente, já que todos são pedagogos, que os conhecimentos teóricos e metodológicos relacionadas à Pedagogia certamente fizeram parte de sua formação inicial como leitores.

Nesse sentido, a professora **B** não descreve a escola como sendo a incentivadora na sua formação leitora, deixando claro o papel da escola apenas como lugar de estudar, sendo os pais os responsáveis por proporcionar a ela o ingresso na escola. Assim relata sua trajetória escolar:

Sendo meu pai praticamente analfabeto e minha mãe [...] cursou apenas o 4º ano. Os mesmos sempre tiveram a preocupação de oferecer o estudo às filhas. Assim cresci, vendo todo o esforço deles, pois logo compreendi que era o único bem que eles poderiam me oferecer. [...] quando terminei o 1º grau, não queria de hipótese alguma, cursar o magistério [...], mas como não tive escolha, porque sempre fui ensinada a obedecer a meus pais e a cumprir regra, aceitei e ingressei no magistério.

Percebemos no relato da professora **B** que durante o Ensino Fundamental e Médio, em nenhum momento fala sobre leitura ou mesmo sobre o gosto pela leitura. Agora vejamos o que ela diz em seguida: *A partir daí tornei-me uma boa leitora, chegando até a cursar uma universidade, e foi justamente nessa universidade que eu passei a ler cada vez mais, fortalecendo assim a forma de pensar.*

Mediante esses pensamentos sobre a importância da formação do professor leitor e da sua mediação na construção de novos leitores percebemos que ao analisar os textos dos professores fica evidente que tanto a sua formação universitária como o incentivo dos pais e da escola contribuíram para a formação como leitor e como educador.

Contudo, o que podemos refletir sobre essa questão é que a atuação do professor como mediador na formação de novos leitores é fundamental, para isso, é preciso pensar sua própria formação continuada, no sentido de adquirir novos conhecimentos para sua prática docente como formador de novos leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da proposta apresentada, e dos referenciais teóricos que fundamentaram as nossas discussões no decorrer da pesquisa, os quais permitiu um aprofundamento significativo acerca do tema, nos proporcionando uma aprendizagem que vai contribuir de maneira relevante para nossa vida enquanto profissional da educação.

Compreendemos que as abordagens em torno da leitura e da formação do leitor reiteram nosso pensamento de que essa formação é fator determinante no desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem dos indivíduos e que a escola e o professor são fundamentais para que possamos alcançar uma educação que vislumbre uma sociedade leitora.

Nesse sentido, reiteramos que a escola precisa superar seus dogmas e pensar numa formação plena dos sujeitos, onde estes possam desenvolver sua potencialidade de forma a favorecer suas capacidades cognitivas, psicológicas, intelectuais e sociais, tendo em vista que a leitura de mundo perpassa os muros da escola e está presente cotidianamente na vida dos indivíduos, mesmo que estes não se deem conta disso.

Percebemos que a leitura não pode ser restrita as tarefas escolares, mas algo que pode ser prazeroso em uma relação do leitor com texto que envolve um universo simbólico de apreensão e de construção de conhecimento do mundo e de si mesmo.

Refletimos sobre as concepções de leitura que norteiam a prática docente, haja vista, que na sua tarefa de mediador de conhecimento o professor é o principal responsável pela formação do indivíduo não apenas no sentido de ensinar o conhecimento escolar sistematizado, mas pode também influenciar a formação da personalidade.

Aqui, vimos que os profissionais que participaram da pesquisa apresentam uma formação variada no tocante a formação leitora. Para alguns a escola foi importante, mas para a maioria, os incentivos vieram da família, ficando a escola apenas como o lugar da aprendizagem sistematizada.

Nesse sentido, compreendemos que a formação leitora do professor apresenta-se como pré-requisito relevante para a formação de um sujeito leitor, tendo vista que é ele quem vai lidar diretamente com as crianças e jovens em processo de formação, desse modo seu repertório literário pode ser o diferencial no incentivo do gosto pela leitura.

REFERÊNCIAS

AMARRILHA, Marly. **Estão Mortas as Fadas?** 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.



CAVALCANTE, Joana. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil**, São Paulo: *Paulus*, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura Para a Leitura de Mundo**, 2008.

ANDRÉ, Marli; LÜDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2008.

MAIA, Joseane. **Literatura na Formação de Leitoras**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARTINS, Helena Maria. **O que é Leitura** 19º ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca. Discursos da paixão: A leitura literária no processo de formação do leitor nas séries iniciais. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy Alves; PAULINO, Graça; *Et. Al.* (org.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6º ed. Porto Alegre: Atmed, 1998.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a Gostar de Ler e Formando Leitores para Vida Inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.